

COMUNIDADE SURDA: a questão das suas identidades

Elias Souza dos Santos

INTRODUÇÃO

Este estudo constitui-se numa das primeiras investigações, enquanto pedagogo e pai de uma adolescente surda. O propósito do trabalho é buscar entender as identidades surdas e lançar olhares que venham contribuir para a formação de novas posturas no campo educacional, social e cultural. O buscar, o compreender e o elucidar são passos relevantes para entendermos as identidades surdas e seu universo. Acreditamos que as discussões atuais sobre os sujeitos surdos estão avançando e possibilitando uma reconstrução do campo educacional dos não ouvintes.

Nesse sentido, convém comentar sobre o conceito da palavra surdez. Lima e Vieira (2006, p. 52-53), no excerto abaixo, conceituam a surdez como sendo:

{...} a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala por intermédio do ouvido. {...} Simplificando bastante, podemos dizer que recebemos as informações, difundidas pelo canal auditivo, por meio das palavras, e assim aprendemos a falar. A pessoa surda não recebe essas e outras informações auditivas da mesma forma que a maioria.

As argumentações das autoras citadas contribuem para que tenhamos uma melhor compreensão do universo das pessoas surdas. Elas prosseguem afirmando que:

[...] a criança surda congênita, quando bebê, emite os mesmos sons que as crianças ouvintes. Porém, como não escuta os próprios gorjeios, eles se extinguem. Isso significa que a criança surda não é necessariamente muda, pois seus órgãos fonadores permanecem intactos. Ela não aprende a falar porque não ouve. Ainda hoje ouvimos a expressão “surdo-mudo”, como referência à pessoa surda, o que é um equívoco, pois ela pode não ser muda e adquirir a linguagem. (LIMA; VEIRA, 2006, p. 55).

O presente trabalho caracteriza-se, metodologicamente como sendo uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Prestes (2003), é aquela que serve tanto ao acadêmico, na sua graduação, quanto aos pesquisadores, na elucidação dos trabalhos inéditos que pretendem rever, re-analisar, interpretar e criticar considerações teóricas ou paradigmas, ou ainda criar novos teoremas, com o objetivo de tentar compreender os fenômenos das mais diversas áreas do conhecimento.

Para a explanação desse tema, buscamos apoio nos estudos produzidos por Lima e Vieira (2006), Perlin (1998), Pinto (2007), Quadros (1997), Sá (2002), Skiliar (1998) e Soares e Lacerda (2004).

As discussões aqui apresentadas estão norteadas pelas seguintes concepções teórico-metodológicas: os Estudos Culturais e os Estudos Surdos. Os Estudos Culturais são parte de “um campo de estudos em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado” (ESCOSTEGUY, [2001?]).

Sá (2002) se apropria dos autores dos Estudos Culturais para nos esclarecer sobre as identidades surdas. Para a autora,

[...] os Estudos Culturais, então, inscrevem-se na luta para que todas as culturas venham a ser consideradas na rede social. Para que isto seja possível, uma das áreas de maior conflito/interesse é a área da educação, por seu poder constituidor de subjetividades. Assim, os Estudos Culturais envolvem uma educação multicultural. [...] Os Estudos Surdos se incluem entre os temas multiculturalistas. (SÁ, 2002, p. 74).

Os Estudos Culturais nos levam a ver o surdo com um olhar humanístico, ou seja, o olhar do sociólogo. O Multiculturalismo é um movimento que combate as manifestações que defendem uma sociedade homogênea. Tem como meta o respeito às diferentes classes sociais existentes em uma sociedade.

As abordagens defendidas pelos autores citados nos ajudarão a compreender melhor o mundo do outro surdo, o não ouvinte, aquele que ouve com os olhos e fala através das mãos.

AS IDENTIDADES DOS SUJEITOS SURDOS

O conceito de identidade é muito amplo e assume conotações e interpretações diferenciadas e bastante complexas, pois tem sido alvo de discussão das várias áreas do conhecimento. No dicionário Universal da Língua Portuguesa, descobrimos que a palavra identidade vem do latim *identidade* e significa “a qualidade do que é idêntico; paridade absoluta; analogia; conjunto de elementos que permitem saber quem uma pessoa é.” (DICIONÁRIO..., 2007).

Considerando que o tema em evidência é relevante para entender o sujeito surdo (a sua educação e a sua cultura), é praticamente impossível falarmos de surdos sem abordarmos a questão das identidades deles. Falar destas identidades é estar diante de um mundo extremamente complexo. Nesse sentido, optamos por expor as definições dos autores que escreveram sobre as identidades dos sujeitos surdos.

De acordo com Hall (apud PERLIN, 1998) existem três conceitos diferenciados sobre o termo *identidade*: o iluminista, o sociológico e o da modernidade tardia. O iluminista é voltado exclusivamente para o homem perfeito, já o sociológico percebe que as identidades se modelam, conforme as representações sociais e o da modernidade tardia, afirma que as identidades são fragmentadas. Neste caso, no que se refere ao sujeito surdo, percebemos que este último conceito de identidades, o da modernidade tardia, é o mais interessante para situá-lo.

De acordo com Perlin (1998), dentro de uma comunidade social não existe apenas uma única identidade. Como somos plurais, esse processo constitui-se como sendo dinâmico, pois à medida que o sujeito vai se estruturando dentro do seu grupo, também vai assumindo ou rejeitando algumas características impostas pelo sistema a que pertence. Mas, o interessante disso tudo é que a identidade está sempre em processo de formação ou transformação.

Quanto à identidade surda, conforme ressalta Perlin (1998, p. 53),

dentro da cultura ouvinte é um caso onde a identidade é reprimida, se rebela e se afirma em questão da original. A identidade original estabelece uma identidade de subordinação em vista da alteridade cultural, a mesma que se dá entre outros grupos étnicos.

Por ser uma autora surda não nativa, percebemos que seu posicionamento a respeito do ouvintismo¹ é extremamente crítico. Esta ideologia tem trabalhado para o extermínio do surdismo.

Para a autora comentada, os sujeitos surdos vivem em uma situação de marginalização. Criaram-se estereótipos que reforçam as visões negativas dos ouvintes. “O surdo foi acumulando estereótipos que têm reforçado cada vez mais a hegemonia discriminatória de sua produção cultural. O discurso do poder ouvinte mantém-se firme e controla estes estereótipos.” (PERLIN, 1998, p. 55).

Um exemplo dessa visão simbólica estereotipada está presente no mercado de trabalho. Normalmente os sujeitos surdos ocupam função profissional de subordinação. Em Aracaju/SE, percebe-se que a maioria dos surdos trabalha de empacotador nos supermercados, embalador de presentes, serviços gerais, pa-deiro, carpinteiro, lavador de carro, estofador, dentre outras. São raros os casos em que as pessoas surdas assumem uma função de liderança. Desta forma, os ouvintes criam visões estereotipadas que discriminam e subestimam a capacidade dos sujeitos surdos.

Fazendo uma leitura dos textos que versam sobre as identidades das pessoas surdas, percebemos que Perlin (1998, p. 62-63) as classificam com mais propriedade. Para a autora, as identidades surdas,

[...] estão presentes no grupo onde entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita. Noto nesses surdos formas muito diversificadas de usar a comunicação visual. No entanto, o uso da comunicação visual caracteriza o grupo levando para o centro do específico surdo. [...] Este tipo de identidade surda recria a cultura visual, reclamando à história a alteridade surda.

Então, Perlin classifica as identidades surdas da seguinte forma: identidades surdas híbridas, identidade surda de transição, identidade surda incompleta e identidade surda flutuante. As identidades surdas híbridas referem-se aos ouvintes que por algum motivo (enfermidade, acidentes, entre outros) perderam a audição e se apropriam da Língua de Sinais para se comunicar. “Eles captam do

¹ Ouvintismo é “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser ‘deficiente’, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais.” (SKILIAR, 1998, p. 15).

exterior a comunicação de forma visual, passam-na para a língua que adquiriram por primeiro e depois para os sinais.” (PERLIN, 1998, p. 63). Na verdade o ex-ouvinte assume duas línguas, porém ele se identificará mais precisamente com a comunidade dos sujeitos surdos.

As identidades surdas de transição estão presentes na maioria dos casos de surdos filhos de ouvintes. Eles cresceram com a ideia da oralização ou do ouvintismo, justamente por causa dos familiares ouvintes, depois tiveram a experiência da Língua de Sinais. O momento de transição acontece aí, eles aos poucos vão se identificando com a comunidade surda, mas “embora passando por essa des-ouvintização, os surdos ficam com seqüelas da representação que são evidenciadas em sua identidade em reconstrução nas diferentes etapas da vida.” (PERLIN, 1998, p. 64). Esse tipo de identidade pode ser confirmado a partir de experiências pessoais enquanto pai de uma adolescente surda, de forma que toda essa problemática que envolve a educação deles é vivenciada: a cultura, a educação e as identidades surdas. Por um longo período, acreditamos que a nossa filha poderia ser uma ouvinte e oralizada. Com o tempo, a gente percebe que essa concepção acaba prejudicando o desenvolvimento dos sujeitos surdos, pois eles são impedidos dentro da sua própria família de aprenderem na sua língua materna, a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Os surdos que vivem sob o comando de uma ideologia ouvintista latente, normalmente possuem uma identidade surda incompleta. Unem-se aos ouvintes para socializar os demais surdos, de modo que sejam iguais à cultura hegemônica. Vale citar um trecho de uma pesquisa de Perlin. Trata-se de um depoimento de uma estudante surda de 25 anos de idade, com o curso médio completo.

Tenho uma amiga que não procuro muito. Tem alguns restos auditivos. Usa aparelho de audição. Ela não se aceita surda. Ela não quer estar no mundo dos surdos e tudo faz para ser oralizada. Tem poucos amigos. Quando ela foi para o II Grau não gostava de minha LIBRAS, me pedia para falar, o que jamais consenti. Notei que já nos primeiros dias fez amizade com uma colega. Elas ficavam juntas e conversavam, mas isso não durou muito, pois a colega ouvinte deixou-a por outra. Dessa vez sentiu-se desanimada com a experiência. A colega não entendia bem a fala e ela não conseguia compreender bem a colega. Na verdade minha amiga não tem boa voz, é uma voz muito mal articulada porque a colega ouve mal. Ela também não conhece sinais. A

sua vida parece oscilar como um pêndulo entre surdos e ouvintes, não consegue ter amigos. (PERLIN, 1998, p.75).

O problema é muito mais grave do que nós imaginamos. A questão da identidade no sujeito, seja ele qual for, repercute diretamente no seu comportamento social. No caso da identidade surda de transição, de acordo com o depoimento, observou-se que a surda incompleta ficou praticamente sem ter onde se amparar. Na qualidade de pai, esse depoimento contribui para que assuma uma postura pela qual venha trabalhar e lutar, com o objetivo de oferecer aos sujeitos surdos todas as possibilidades de se encontrarem e identificarem no grupo que pertence. Perlin (1998, p. 75) prossegue afirmando que

há casos de surdos cujas identidades foram escondidas, nunca puderam encontrar-se com outros surdos, conseguiram adentrar-se no saber junto aos ouvintes e há casos de surdos mantidos em cativeiros pela família onde se tornam incapacitados de chegar ao saber ou de se decidirem por si mesmos.

Identidades surdas flutuantes têm a ver com os surdos que apresentam um posicionamento consciente de ser ou não ser surdo.

São muitos os casos e muitas as histórias de surdos profissionalizados que vivem as identidades flutuantes, pois não conseguiram estar a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação e nem a serviço da comunidade surda por falta da língua de sinais. É o sujeito surdo construindo sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso tempo, não centradas, fragmentadas. (PERLIN, 1998, p. 66).

Por conta das relações de poder, a comunidade surda, por um longo período, ficou silenciada, sua identidade foi massacrada. Mas, devido ao fracasso das tendências teórico-metodológicas que tentaram e tentam privilegiar o oralismo, os próprios surdos se viram obrigados a irem à luta. Alguns estudos, a respeito da educação dos surdos, partiram justamente de pais e filhos de surdos, ou dos próprios surdos. Temos o exemplo da própria Gládis Perlin (surda não nativa), de Patrícia Pinto (surda não nativa), de Ronice Quadros (filha de pais surdos) e de Nídia de Sá (mãe de uma jovem surda). Esta última afirma que “os surdos e a comunidade surda são plurais, como o é todo o agrupamento humano. Toda a identidade é dinâmica e é transformada continuamente”. (SÁ, 2002, p.101)

A partir dessa iniciativa, outros olhares começaram a ser lançados sobre a comunidade surda. Esses estudos

estão situando-se atualmente na direção de outras linhas de estudo como: os estudos negros, os estudos de gênero, os estudos de classes populares, etc. Isto inclui a educação de surdos num contexto discursivo mais apropriado à situação lingüística, social, comunitária, cultural e identitária das pessoas surdas. (SÁ, 2002, p. 71).

Para Skiliar (1998), as crianças surdas têm uma facilidade natural de desenvolver-se na língua de sinais. Comunicar-se e construir conhecimento em Libras, para a criança surda, é igual a se comunicar e construir conhecimentos em português, para as crianças ouvintes. Assim, convém entender que as pessoas surdas:

[...] têm o direito de se desenvolverem numa comunidade de pares, e de construírem estratégias de identificação no marco de um processo sócio-histórico não fragmentado, nem cercado. Mas, não estou simplesmente mencionando o processo individual ou a individualização de identificações, como se elas fossem homogêneas, estáveis, fixas, como se a identificação entre os surdos ocorresse de forma inevitável, uma vez que a ‘surdez os identifica’. Refiro-me, sim, a uma política de identidades surdas, onde questões ligadas à raça, à etnia, ao gênero, etc., sejam também entendidas como “identidades surdas”; identidades que são, necessariamente, híbridas e estão em constante processo de transição. (SKILIAR, 1998, p. 27).

Soares e Lacerda (2004), numa pesquisa sobre a inclusão de criança surda na escola regular, afirmam que “o modo como a escola está organizada pedagogicamente não leva em conta a surdez e sua complexidade, não atendendo, assim, às necessidades dos surdos.” (SOARES; LACERDA, 2004, p.129). As autoras comentam sobre a importância de se considerar a língua materna do sujeito surdo, a Libras. Elas apontam falhas na escola que pretende incluir o surdo no meio dos ouvintes e chegaram à seguinte conclusão:

A inclusão almejada acaba ficando somente nos desejos da escola/professora, porque há uma organização que implícita ou explicitamente valoriza o ouvir, o ser ouvinte, e isso acaba aparecendo e

marcando as relações, revelando uma práxis pouco ou nada inclusiva. Nesse constante jogo, constrói identidades que se sucedem e se antagonizam, indicando os efeitos desse ambiente em sua constituição. Mas quais identidades poderão ser construídas neste contexto? (SOARES; LACERDA, 2004, p. 141).

É muito complicada essa questão da inclusão dos sujeitos surdos. O maior impasse é que nesse contexto, os alunos surdos não poderão construir sua identidade porque eles estão no meio de colegas ouvintes, diretores ouvintes, coordenadores ouvintes e professores ouvintes. Como fica a construção da identidade surda no espaço da escola? “A constituição dos sujeitos surdos poderá fluir a partir das relações surdo-surdo, surdo-ouvinte, quando possibilidades que incluam a condição cultural de pessoa surda”. (SOARES; LACERDA, 2004, p. 145).

Para Perlin (1998), a educação precisa desconstruir os vários preconceitos instituídos pelo império do oralismo. Não é justo querer que o surdo seja um ouvinte, o surdo é um sujeito surdo e a escola precisa entender essa questão que envolve a cultura e identidade surda. Uma alternativa apontada pela autora é a inclusão de professores surdos na escola.

Falando como pai de uma adolescente surda, acreditamos que nesse processo de reconhecimento das identidades surdas e reconstrução da educação dos sujeitos surdos, o ideal seria uma escola específica para os surdos. Lutamos durante 11 anos tentando incluir nossa filha na escola pública. Não entendíamos esse processo de reconhecimento do mundo surdo, achávamos que ela tinha possibilidade de aprender junto aos ouvintes. Mas, conforme os anos passavam, fomos nos convencendo de que o lugar dela era junto aos seus semelhantes, aqueles que falavam a mesma língua. Portanto, vale ressaltar a argumentação de Sá (2002, p. 103), quando diz que:

[...] os processos identificatórios da criança surda, então, começam na interação com outros surdos: neste relacionamento, a criança surda pode não apenas adquirir de modo natural a língua de sinais, mas também pode assumir padrões de conduta e valores da cultura e da comunidade surda. Tendo essa possibilidade a criança surda pode absorver não o modelo que a sociedade ouvinte tem para os surdos, mas o que os surdos têm a respeito de si mesmos (este é o principal benefício da experiência comunitária da surdez através da vida escolar precoce: a possibilidade de construção de sua identidade).

Em Aracaju/SE, vários pais de surdos se uniram para criar a escola que atendesse as necessidades dos seus filhos. O não atendimento da escola dita regular aos sujeitos surdos fez com que uma escola para surdos surgisse. O Instituto Pedagógico de Apoio à Educação dos Surdos de Sergipe (Ipaese) é a única escola no Estado que procura desenvolver uma metodologia de ensino específica para os surdos. Em um ano de aula nessa instituição, nossa filha alcançou um desenvolvimento no ensino-aprendizagem de 80%. Na verdade, nesse ambiente educacional, ela se encontrou, pois seus pares falam a Libras.

Sá (2002, p. 75) reconhece que

é perfeitamente viável e desejável optar-se pela criação de escolas específicas para as minorias, na medida em que isto a elas interessam, para atender ao preceito institucional segundo o qual participar de um processo educacional é um direito ao qual devem ter acesso todas às pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade, no decorrer desses séculos, criou estereótipo e estigmatizou os sujeitos surdos. Isso levou a classe hegemônica, os ouvintes, a pensar e decidir por eles. Tudo começou na Itália, no Congresso de Milão, no ano de 1880. Nesse evento os ouvintes, aliados à visão terapêutica da medicina, decidiram proibir os surdos a sinalizarem. Conforme a decisão da maioria ouvinte, os surdos deveriam aprender o oralismo. Partindo dessa ideia, várias medidas foram tomadas: os professores surdos foram retirados das escolas, os surdos foram proibidos de se comunicarem na sua língua materna (língua de sinais) e iniciou-se um trabalho pela oralização das pessoas surdas. Nesse contexto, a medicina contribuiu de forma significativa para que essas decisões fossem tomadas.

Em vez de procurar mecanismos que possibilitassem uma educação plena para os surdos, a escola fez ao contrário. Ao adotar o oralismo, ela deu início a uma educação que se mostrou repleta de falhas, conflitos, choros, dores e que deixou muitas sequelas. O mais agravante disso tudo, é que ainda hoje encontramos escolas que adotam essa tendência pedagógica. Dessa forma, “o oralismo sempre foi e continua sendo uma experiência que apresenta resultados nada atraentes para o desenvolvimento da linguagem e da comunidade dos surdos.” (QUADROS, 1997, p. 22).

A proposta bilíngue-bicultural surgiu como uma resposta a todos esses males causados pelo oralismo. Aliada a Antropologia e a Linguística, o bilinguismo iniciou a trajetória da reconstrução educacional dos sujeitos surdos. Nessa perspectiva, a língua materna das pessoas surdas passa a ser considerada como a primeira língua e o português (Brasil), como a segunda.

Quanto às identidades dos sujeitos surdos, tema central desse estudo, observou-se que se faz necessário lançar olhares que compreendam todo esse complexo processo, ou seja, se apropriar desses conhecimentos (identidades surdas híbridas, identidade surda de transição, identidade surda incompleta e identidade surda flutuante), objetivando-se uma maior apreensão dos estudos surdos. Somente assim, poderemos travar lutas e retirar da situação de massacre, tal educação.

Criar condições dignas para a educação dos surdos exige, acima de tudo, que eles tenham conhecimento da sua história, da sua trajetória e dessa relação de poder, na qual estão envolvidos. A comunidade surda precisa se organizar, para que seus direitos sejam garantidos.

Ao tomarem conhecimento de sua história, os sujeitos surdos criam suas identidades e, conseqüentemente, assumem uma postura de defesa, de luta e de busca. Dessa forma, devemos adotar uma postura de luta, para que eles venham ocupar funções e cargos, em todas as áreas do conhecimento: na política, na educação (escolas e universidades), na economia, na justiça, nas manifestações culturais, ou seja, precisamos do surdo sinalizando, decidindo e buscando melhores condições de vida para sua comunidade.

Assim, acreditamos que esses são os anseios daqueles (sujeitos surdos, pais, pesquisadores, parentes e amigos dos surdos) que estão engajados nesse processo de reconstrução da educação dos sujeitos surdos. Portanto, tanto a família quanto a escola, devem conscientizá-los politicamente, para que continuem lutando contra o poder que os subestimam.

REFERÊNCIAS

DICIONÁRIO universal da língua portuguesa. [2007]. Disponível em: < http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx>. Acesso em 24. out. 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Os estudos culturais*. [2001?]. Disponível em: < http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/estudos_culturais_08_06.php>. Acesso em: 04 out. 2007.

LIMA, Priscila Augusta; VIEIRA, Therezinha. **Surdos: a(s) linguagem(ns) como sistemas de representação e organização mental.** São Paulo: Avercamp, 2006.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica.** São Paulo: Loyola, 1994.

PERLIN, Gládis Teresinha Tachetto. Identidades surdas. In: (Org.) SKILIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

PINTO, Patrícia Luiza Ferreira. **Identidade cultural surda na diversidade brasileira.** [2007]. Disponível em: <<http://ines.org.br/paginas/revista/debate3.htm>>. Acesso em 04.out. 2007.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento: do planejamento aos textos, da escola à academia.** 2. ed. São Paulo: Rêspel, 2003.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SÁ, Nídia Regina Lima de. **Cultura, poder e educação de surdos.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SKILIAR, Carlos. Os estudos em Educação: problematizando a normalidade. In: _____. (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOARES, Fabiana M. R; LACERDA, Cristina B. F. de. O aluno surdo em escola regular: um estudo de caso sobre a construção da identidade. In: GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. (Org.). **Políticas e práticas de educação inclusiva.** Campinas: Autores Associados, 2004.